

Comecemos com um quadro geral, que pode ser útil para localizar temporalmente as várias dinastias e governos

Portugal da Monarquia à República

Monarquia

Primeira Dinastia: Borgonha 1128 - 1383

Segunda Dinastia: Avis 1385 - 1580

União Ibérica (Dinastia dos Felipes) 1580-1640

Terceira Dinastia : Bragança 1640 -1910

República

Primeira república 1910-1926

Ditadura Militar/Estado Novo 1926 / (1933) – 1974

Revolução dos cravos 25/04/1974

República 1974 até hoje

Reis de Portugal até a segunda dinastia (ou seja, até o período de publicação de *Os Lusíadas*)

Primeira Dinastia

Borgonha (1128 - 1383)

D. Afonso I	1128	
D. Sancho I	1185	
D. Afonso II	1211	
D. Sancho II	1223	
D. Afonso III	1248	[1245]
D. Dinis	1279	
D. Afonso IV	1325	
D. Pedro I	1357	
D. Fernando (Leonor Teles)	1367	

Segunda Dinastia

Avis (1385 - 1580)

(D. Pedro I)		
D. João I	1385	
D. Duarte	1433	
D. Afonso V	/1438/ 1446	
(Infante D. Fernando)		
D. João II	1481	

	D. Manuel I	1495
	D. João III	1521
	(Príncipe D. João)	
	D. Sebastião	/1557/ 1568
	D. Henrique	1578

Símbolos

[Ano em que assumiu o poder, não sendo oficialmente rei]

/Ano em que, pela morte do pai ou do avô, sendo ainda menor, o reino é governado por um regente/

Utilizarei, em alguns momentos, trechos do de *História de Portugal*, de Oliveira Marques. (Lisboa: Palas, 1977) Coloquei o livro no Moodle. A formatação não é perfeita, mas é possível lê-lo.

Acontecimentos fundamentais da história de Portugal

1. Antes da fundação de Portugal

Viriato (? - 136 A.C.) - Luta contra a dominação romana : 154-136 A.C.

Viriato é uma personagem histórica que podemos relacionar com Tiradentes. Este pretendia escapar dos impostos portugueses cobrados sobre a mineração do ouro, e não criar uma nação. Depois da independência do Brasil virou um precursor da independência. O mesmo ocorre com Viriato, que lutou contra os romanos pois estes haviam chegado na península e não eram bem-vindos pois alteravam uma forma de vida tradicional.

Vejam o poema que é escrito sobre ele em *Mensagem* de Fernando

Pessoa: VIRIATO

Se a alma que sente e faz
conhece Só porque lembra o
que esqueceu, Vivemos, raça,
porque houvesse Memória em
nós do instinto teu.

Nação porque
reencarnaste, Povo
porque ressuscitou
Ou tu, ou o de que eras a haste
– Assim se Portugal formou.

Teu ser é como aquela fria
Luz que precede a
madrugada, E é já o ir a
haver o dia
Na antemanhã, confuso nada.

Invasão Muçulmana – 711

Os Muçulmanos desembarcaram na Espanha, com objectivos de conquista, em 711. Dois anos mais tarde, praticamente toda a Península se achava subjugada ao Islam. A Lusitania e a Gallaecia caíram em 713 também. A «Reconquista» cristã começou só nos meados do século viii, partindo, não de um reduto indómito no Norte, mas antes de uma rebelião fortalecida por várias migrações de nobres e de soldados para o norte. (*História de Portugal*)

Se quiserem conhecer uma obra literária que trata do período, sugiro *Eurico, o presbítero* de Alexandre Herculano.

2. Monarquia

A fundação de Portugal está intimamente ligada com o que foi considerada como “a guerra da Reconquista”, ou seja a recuperação das terras que os mouros haviam conquistado.

Fundação de Portugal

D. Henrique, nobre francês, recebeu, em 1096, o condado Condado Portucalense e se casou com uma filha bastarda de Afonso VI, rei de Leão, Castela, Galiza e Portugal, D. Tereza. Eles serão os pais de Afonso Henriques.

Muito habilmente, o conde D. Henrique (...) [manteve] completa liberdade de acção, bem próxima da independência. De 1109 até à morte, em 1112 ou 1114, deixou de cumprir os deveres feudais, embora sem se revoltar abertamente. Sua viúva D. Teresa herdou tanto o governo como a política do marido. Tinha jeito para intrigar e fê-lo várias vezes. (*História de Portugal*)

Afonso Henriques luta contra sua mãe, D. Tereza, em 1128

[Afonso Henriques] Em seu torno reunira um grupo de nobres que se opunham ao governo de D. Teresa e dum seu favorito galego, o conde Fernando Peres de Trava. Uma rebelião dentro de Portugal deu a Afonso Henriques vitória fácil na batalha de S. Mamede (próximo de Guimarães) em 1128. Teresa e Peres de Trava fugiram para a Galiza para não voltar. Aí viria a falecer a condessa destronada, em 1130. (*História de Portugal*)

Duas obras literárias, ambas de Alexandre Herculano, retratam este período. O romance *O bobo* e o conto “O bispo negro”.

Após a vitória, Afonso Henriques vai continuar a luta contra os mouros, e mantém a política de seu pai, recebendo o título de 'rex' dado por Afonso VII, 'imperador' de Castela (1143) e o reconhecimento pelo Papa Alexandre III, do reino de Portugal (1179).

Há uma batalha contra os mouros que é especial para o imaginário português, a de Ourique (1139). Um relato, elaborado no século XV, ou seja três séculos após a batalha, conta que Cristo teria aparecido para Afonso Henriques e abençoado os portugueses. Uma outra versão afirma que Cristo teria dado para Afonso Henriques a bandeira portuguesa

Primeira Dinastia: Borgonha (1128 - 1383)

Alguns eventos

Guerra da reconquista em Portugal até 1250, quando o Algarve foi conquistado.

D. Dinis, rei e poeta, fundou a Universidade de Lisboa em 1290.

Batalha de Salado (1340) – Foi a última batalha na península contra os mouros, que foram então definitivamente expulsos. Os portugueses dela participaram, apoiando os castelhanos.

Episódio de Inês de Castro.

É um episódio sem grande importância política, mas com imensa carga simbólica.

Uma paixão amorosa altamente romanceada tornou-se agora pretexto para a influência castelhana em Portugal. D. Pedro, herdeiro da Coroa portuguesa, apaixonou-se por uma dama da casa de sua mulher, Inês de Castro, que pertencia a uma poderosa família de terratenentes em Castela. Ao que parece, D. Pedro converteu-se em joguete nas suas mãos

e, segundo a versão «oficial» da história, na de seus parentes castelhanos também. o idoso e orgulhoso Afonso IV não podia tolerar tal facto, acabando por ordenar a morte de Inês (1355). As consequências deste crime foram uma curta guerra civil e coisa de muito maior importância- o surto de um drama histórico que se aguentaria no cartaz durante mais de cinco séculos. (*História de Portugal*)

Criou-se toda uma mitologia sobre o incidente, chegando algumas versões a afirmar que após tornar-se rei, D. Pedro disse que havia se casado em segredo com Inês, e como vingança contra a corte que não a havia protegido, desenterrou o seu cadáver, o transportou até Lisboa, e obrigou a todos os nobres a beijarem a mão de sua rainha.

Inúmeras obras recontam o episódio de Pedro e Inês, que é um tema importante na literatura portuguesa. Sugiro a leitura do conto “Teorema” de Herberto Helder.

Casamento de D. Fernando com D. Leonor Teles (1372) e de sua filha D. Beatriz com D. João I de Castela (1383).

D. Leonor era casada, e tinha mesmo um filho com seu marido. D. Fernando se apaixonou por ela, e como ela se recusasse a ser amante do rei, este conseguiu anular o casamento, e com ela se casou, o que foi muito mal visto pela população de Lisboa. Do casamento nasceu apenas uma filha, D. Beatriz, que posteriormente se casou com D. João I de Castela.

Na falta de herdeiro masculino, a sucessão de D. Fernando passou para a sua única filha legítima, D. Beatriz, que ele casara com D. João I, rei de Castela (...). As cláusulas do matrimónio confiavam a regência e o governo do reino à rainha-mãe, Leonor Teles, até filho ou filha nascer a Beatriz. Quaisquer que fossem as circunstâncias, os dois reinos deveriam viver permanentemente separados. (*História de Portugal*)

Houve uma revolução capitaneada por um filho bastardo de D Pedro, o Mestre de Avis, e D, João I de Castela invadiu Portugal.

Segunda Dinastia: Avis (1385 – 1580)

A guerra [contra Castela] passou por três fases principais: na primeira Guerra (Janeiro-Outubro de 1384), D. João I invadiu Portugal, alcançou Lisboa e cercou-a em vão durante quatro meses; no entanto, os Portugueses, chefiados por Nuno Alvares Pereira, filho ilegítimo do Mestre dos Hospitalários, derrotou os Castelhanos em Atouros, no Sul (Alentejo). Na segunda fase (Maio-Outubro de 1385), D. João I de Castela invadiu Portugal de novo, para sofrer completa derrota em Aljubarrota, às mãos de um exército muito mais pequeno mas dispo de organização superior e beneficiando do apoio dado por arqueiros ingleses e acaso por conselheiros da mesma nacionalidade; algures, os Portugueses também derrotaram os Castelhanos em lides menos significantes (Trancoso, Valverde). Na terceira e última fase (Julho de 1386-Novembro de 1387), um tratado formal entre Portugal e a Inglaterra trouxe o duque de Lencastre à Península Ibérica como pretendente à coroa castelhana. O teatro da guerra passou agora para fora das fronteiras portuguesas. Uma primeira trégua foi assinada em 1387. Ainda se deram em 1396-97 escaramuças pouco importantes, a que logo se seguiu uma trégua de dez anos, renovada por períodos sucessivos. A paz, porém, só viria a ser assinada em 1432.

No entanto, o Mestre de Avis fizera-se proclamar rei com o título de D. João I (1385) em cortes convocadas para Coimbra, onde conseguiu libertar-se de outros dois pretendentes (D. João e D. Dinis, filhos ilegítimos do rei D. Pedro e de Inês de Castro, os quais pretendiam que seu pai casara com ela secretamente) com a ajuda de um famoso legista, João das Regras, que ele prontamente nomeou seu primeiro chanceler. Foi fácil de obter o reconhecimento do exterior: como regente, João mudara uma vez mais do Papa de

Avinhão para o Papa de Roma, que se apressou a aprovar o seu casamento com Filipa de Lencastre, filha de João de Gante.

Tanto a rebelião como a guerra contra Castela enfileiram-se entre os acontecimentos decisivos de toda a história portuguesa. (*História de Portugal*)

O outro marco significativo desta dinastia são as conquistas ultramarinas: em 1420 Portugal toma posse das Ilhas da Madeira, e menos de oitenta anos depois, em 1498, Vasco da Gama chega às Índias.

Há, ainda, em meados do século XVI (1547) a instalação do Tribunal do Santo Ofício. D. Manuel I obriga os judeus a se converterem ao cristianismo, seguindo a política, já adotada em 1492 pela Espanha, que obrigou os judeus a batizarem-se ou a abandonarem o país.

A Inquisição durou até 1821, mas o seu período de maior poderio foram os séculos XVI, XVII e a primeira metade do XVIII

Outro marco desta dinastia é o seu fim.

Oliveira Marques faz um rápido sumário dos sucessivos casamentos entre as casas reais de Espanha e de Portugal, que já indicavam que em algum momento ambos os países poderiam ter um único rei.

Ligações durante o século XVI, continuaram os laços dinásticos entre as famílias reais portuguesa e castelhana, com tal insistência e proximidade que haveriam de resultar em união final. Carlos V (Carlos I de Espanha) casou com Isabel, filha primogénita de D. Manuel I. Pela mesma época, D. João III consorciava-se com a irmã mais nova de Carlos, Catarina. Anos atrás, D. Manuel casara-se sucessivamente com três princesas espanholas, a saber: D. Isabel, sua irmã mais nova D. Maria, e por fim D. Leonor, irmã mais velha de Catarina. Veio então Filipe II a casar (1543) com D. Maria, filha primeira sobrevivente de D. João III, enquanto a irmã de Filipe II, Joana, esposava o príncipe D. João, herdeiro do trono português (1552). Deste último matrimónio resultou unicamente um filho, D. Sebastião, cujo nascimento (1554) se seguiu de perto à morte do pai, tornando-o em único sobrevivente dos onze descendentes legítimos do rei D. João III. Falecendo em 1557, este monarca deixou, pois, como sucessor, uma criança débil de três anos de idade, cujas esperanças de vida não eram grandes. De facto, durante toda a sua existência, D. Sebastião revelou-se um doente, tanto física como mentalmente. Abominava a ideia de casar. Nestes termos, o seu reinado de vinte anos foi apenas uma longa preparação para a mudança de dinastia.

Antes de seu nascimento D. Sebastião era “o desejado”, aquele que poderia salvar o reino português. Quando, anos mais tarde, assume efetivamente o poder, acaba por ir para uma batalha na África, Alcácer Quibir, em 1578. Lá ele “desaparece”: seu corpo não é encontrado, ele não foi feito prisioneiro. Assim ele acaba por encarnar um outro mito, o do “encoberto”. Por alguns anos os portugueses esperam o seu retorno para de novo capitanear seu povo, quando isto não mais é possível, cria-se o mito que ele está dormindo numa ilha encantada, e que voltará no momento que Portugal mais precisar dele: surge o Sebastianismo, mito que também se desenvolveu no Brasil. Os habitantes de Canudos, em fins do século XIX, por exemplo, achavam que D. Sebastião iria aparecer para salvá-los dos republicanos.

Após o “desaparecimento” de D. Sebastião, seu tio-avô assume o trono e quando morre, dois anos depois, Felipe II de Espanha assume o trono português, como Felipe I, e em 1580 começa a União Ibérica, que só terminará em 1640.